



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A condição humana no *Lager*

Letícia Martins Calheiros^I

Resumo: Muitos foram os sobreviventes que narraram suas memórias sobre a *Shoah*, esse evento tão traumático da história. Dentro dessas espessas e importantes memórias se encontram os escritos de Primo Levi, um judeu italiano que foi preso em 1944 e enviado para Auschwitz-Monowitz, e Viktor Frankl, sobrevivente de Auschwitz, que relatou sua experiência na obra *Em busca de sentido* (2021). Abordar acerca da condição humana nos campos versa também a sua relação com o plano de desumanização, dentro disso, esses serão eixos norteadores deste trabalho.

Palavras-chave: Lager; Nazismo; Memória.

The human condition in *Lager*

Abstract: Many were the survivors who narrated their memories about the Shoah, that most traumatic event in history. Within these thick and important memoirs are the writings of Primo Levi, an Italian Jew who was arrested in 1944 and sent to Auschwitz-Monowitz, and Viktor Frankl, an Auschwitz survivor, who recounted his experience in *In Search of Meaning* (2021). Addressing the human condition in the fields also deals with its relationship with the dehumanization plan, within that, these will be the guiding axes of this work.

Keywords: Lager; Nazism; Memory.

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

Introdução

A condição humana para os judeus no *Lager*^{II} ultrapassou a forma mínima de vivência para um ser humano. A morte era uma constante e o medo os acompanhava diariamente. Tudo foi-lhes tirado, inclusive as certezas mínimas acerca da vida e em relação ao mundo. O universo no *Lager* era outro e a luta pela sobrevivência era tudo o que eles tinham. Exemplificando essa realidade cotidiana, Primo Levi (1988, p. 9) traz uma reflexão a respeito disso: “pensem bem se isto é um homem que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão, que morre por um sim ou por não. Pensem bem se isto é uma mulher, sem cabelos e sem nome, sem mais força para lembrar [...]”^{III}.

Muitos foram os sobreviventes que relataram suas experiências traumáticas dentro dos campos nazistas. Apesar da diversidade, cada relato é único e possui as vivências próprias de cada autor. Por isso, para analisar um pouco da realidade do *Lager*, será utilizada a obra *É isto um homem?* (1988) de Primo Levi e o livro de Viktor Frankl intitulado *Em busca de sentido* (2021). As duas narrativas foram selecionadas pela exposição bastante semelhante de suas realidades cotidianas e vivências naquela localidade.

Primo Levi, em *É isto um homem?* (1988), realiza uma reflexão acerca da condição humana dentro daquela nova realidade, que é o campo de concentração – no seu caso, Auschwitz. Dentro dessa ponderação, o autor se questiona a respeito do que eles, enquanto prisioneiros, perderam, ou melhor, foi-lhes retirado: seus bens, seus familiares, suas casas, seus sonhos, seus direitos, suas vidas, suas identidades e até seus nomes.

Para essa reflexão, Levi (1988) utiliza suas experiências enquanto prisioneiro nazista como forma de representação das vivências de diversos prisioneiros dos campos de concentração, juntamente com o que esses homens eram submetidos e se tornavam no decorrer dessa experiência inimaginável, para todos aqueles que não a presenciaram. Essas vivências experimentadas e relatadas pelo autor, e tantos outros perseguidos pelo regime Hitlerista, demonstram o que representava todo o ordenamento macro do regime nazista e os seus objetivos universais e totalitários.

Viktor E. Frankl, em seu livro *Em busca de sentido*, publicado em 1977, traz, além de seu relato como sobrevivente da *Shoah*^{IV}, uma análise das situações vividas por ele e por outros judeus, com um olhar de psiquiatra, voltando suas reflexões para o campo da psicologia. Além disso, apresenta uma seção em que explana a respeito de sua área de atuação na neuropsiquiatria, com a Logoterapia^V.

Assim, o objetivo desse texto é refletir a partir de uma compreensão das condições desumanas sob as quais os judeus foram submetidos nos campos de concentração, trabalho e extermínio nazistas, além do plano do regime de desumanização dos judeus. Para isso, explicarei brevemente o contexto de inserção da *Shoah* e as suas implicações. Como o texto está alicerçado nos relatos testemunhais dos sobreviventes desse evento, Primo Levi e Viktor E. Frankl, precisamos entender também o papel da memória e da literatura no campo da História e o espaço que eles receberam após o fim da Segunda Guerra Mundial. Por último, mas não menos importante, tratarei sobre as vivências dos dois autores relatadas em suas obras.

Contexto e principais implicações

O século XX para muitos foi o século mais violento da história. Em relação aos governos que resultarão – e ganharão força – do desfecho da Grande Guerra, está o de Adolf Hitler com o regime nazista. Para Hitler, o desfecho da Primeira Guerra ratificou a derrocada do planeta. Seu entendimento sobre esse fim estava ligado ao ressentimento generalizado pela perda de

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

territórios, afinal, a Alemanha foi uma das mais prejudicadas com o término da guerra, além de sair derrotada e devastada internamente.

A Alemanha do pós-guerra não apenas oferecia um solo fértil para a subida ao poder do regime nazista, mas para todos os movimentos antissocialistas de base popular, que possuíam como meta a volta da questão nacional, intensificando o nacionalismo.

No dia 30 de janeiro de 1933, nascia o Terceiro Reich: o descreviam como sendo o “Reich de Mil Anos” que durou apenas doze anos e quatro meses. Trazendo a imagem de um novo Chanceler que iria resolver os problemas dos alemães, nem todos acreditaram e pensaram que seria mais um que iria fracassar como a democracia alemã, mas a maioria se apoiou nas promessas contidas nos tão espetaculares discursos do líder nazista.

Robert Gellately^{VI} divide a ditadura de Hitler em duas partes. A primeira fase, tendo início com a chegada da guerra em 1938 e 1939, na qual a polícia se tornou mais “invasiva, arbitrária e assassina” e o sistema, em geral, ficou bem mais radical se voltando mais para os seus inimigos declarados, tanto internamente como no exterior. Já a segunda parte, e final da ditadura Hitlerista “começou quando as perspectivas de invasão e derrota cresceram”^{VII} e se agravou nos anos de 1944 e início de 1945, com o intuito de evitar os rumos que a guerra estava tomando.

A partir de 1942, centros administrativos locais do Partido Nazista passaram a estar mais presentes e efetuar com mais frequência atividades terroristas envolvendo cidadãos normais, e começaram a desenvolver um papel social com a ajuda de resolução de conflitos pessoais. A pressão interna do regime continuou mesmo com o fim próximo da guerra. Muitas pessoas continuavam denunciando amigos, familiares, conhecidos para o sistema nazista mesmo tendo consciência das terríveis consequências para quem estava sendo denunciado.

Um dos mais conhecidos eufemismos do regime nazista o da “solução final do problema judaico”, que se traduziu nos chamados campos de concentração ou campos de morte e extermínio, esteve presente e já estava sendo ensaiado nos anos de estabilização e consolidação do regime desde a tomada de poder do ditador nazista como Chanceler do Reich em 1933. “A cultura da morte e o mais bárbaro processo seletivo já estava em curso no início do nazismo; aqueles campos de morte foram apenas a consumação da barbárie”^{VIII}. Os planos ideológicos do líder do partido social nacionalista estavam intimamente ligados à sua maneira de conduzir sua política tanto interna quanto externa. “Na política exterior, Hitler simulava ser o arauto da paz e da compreensão entre os povos”^{IX}, buscando a melhor saída para a crise enfrentada pela Alemanha após o Tratado de Versalhes e as consequências da guerra. Enquanto no plano interno, “[...] ele deu curso imediato a toda a sua intolerância política e ao seu arraigado antissemitismo; com rapidez inacreditável surgiram os campos de concentração nos quais seus inimigos e opositores deveriam ser internados para fins de ‘reeducação’”^X.

No início do ano de 1933, “a polícia e as Tropas de Assalto nazistas começaram a recorrer à violência, e campos de concentração foram estabelecidos”^{XI}. O regime anunciava de maneira clara e aberta o seu novo sistema de “justiça policial”, no qual a Polícia Secreta (Gestapo) e a Polícia Criminal (Kripo) decidiam por si mesmas as leis e suas aplicações nos campos. As prisões e envio de pessoas para esses locais era para a chamada “terapia do trabalho”, segundo Gellately, para o retorno “à boa ordem e à restauração dos verdadeiros valores alemães”^{XII}.

De início, os campos foram criados para revitalizar as pessoas através do trabalho e não para o extermínio em massa dos judeus e de outras minorias. Se apropriando do discurso de que o povo alemão precisava retornar os valores tradicionais que haviam sido perdidos, Hitler ganhou considerável apoio da população que enxergava essa nova estrutura de justiça como benéfica.

Auschwitz foi implementado após as chamadas “Leis de Nuremberg” de 1935, o tão conhecido código racial nazista, “supostamente elaborado a partir de conclusões científicas que elevavam os ‘verdadeiros’ alemães, os arianos, à condição de raça superior cujo destino era a

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

dominação final do país”^{XIII} e de todo o mundo. Sob a aparente forma de legalidade, se mascarava as mais terríveis intenções, já que essas leis tinham como objetivo privar os judeus da vida civil e se esforçavam no sentido de definir quem era judeu ou não.

O mais terrível e mais conhecido *Lager*, Auschwitz, se tornou um símbolo de todos os horrores do nazismo^{XIV}. Ele foi o maior campo de concentração e de extermínio situado no continente europeu sob o comando nazista. Estima-se que foram mortos em Auschwitz entre dois e quatro milhões de indivíduos, sendo a maior parte composta por judeus. Acredita-se também que o campo funcionava na sua lotação máxima, assassinando centenas de judeus diariamente. E, para isso, além das câmaras de gás - que era o principal meio utilizado - muitos prisioneiros morriam de fome, fuzilados, de doenças, por trabalhos forçados e pelas sombrias experiências médicas.

Auschwitz, “idealizado em 1940 por Rudolph Hoss^{XV}, [...] tinha como primeira finalidade a intimidação dos poloneses, dissuadindo-os de qualquer movimento de resistência após a conquista germânica de 1939”^{XVI}. Sua localização era ideal, no centro do continente e situado próximo de entroncamentos ferroviários. Heinrich Luitpold Himmler^{XVII}, não satisfeito, decidiu “aumentar o campo e fazer dele um verdadeiro centro de extermínio para onde poderiam ser levados prisioneiros de todas as partes”^{XVIII}.

O tenebroso campo que tinha como epígrafe em sua entrada a famosa frase “o trabalho liberta” teve seu fim em 1945, quando foi parcialmente extinguido pelos nazistas em retirada pelo fim da guerra. “Hoje a palavra Auschwitz se tornou sinônimo de terror, genocídio e holocausto”^{XIX}. E não apenas esse campo, mas todos eles, mesmo que não utilizassem diretamente as câmaras de gás, fizeram parte de alguma forma do plano nazista de *Solução Final*^{XX}, exterminando cerca de quatro milhões de judeus e pessoas consideradas inferiores à raça ariana.

Memória e testemunho

O emprego da literatura na História como documento ou fonte pareceu desqualificado ou ilegítimo pelos historiadores durante uma grande parte do século XX. Porém, passou a difundir-se mais, principalmente com os relatos e testemunhos que surgiram após os anos de 1945 com o findar da Segunda Guerra Mundial e as suas atrocidades. A utilização da Literatura na História tem seu enfoque a partir da chamada Nova História Cultural, inaugurada pela denominada terceira geração da Escola dos Annales na década de 1970.

Segundo Barros^{XXI}, a partir dela, as modalidades historiográficas se abriram para variados campos, como o da “cultura popular”, “cultura letrada” e das “representações”, se dedicando a diversas novas abordagens, campos da História e vertentes como a Literatura. Diante disso, uma das abordagens da história cultural que tem recebido grande destaque é a que se dedica aos diferentes tipos de texto para refletir sobre a sua linguagem, leitura e escrita. Além disso, seus enfoques também favorecem o estudo das sensações e sentimentos, que abrange o universo de análise tanto individual como social.

Com o término da Segunda Guerra, a denominada literatura de testemunho recebeu grande destaque por narrar as experiências limites dos indivíduos que foram vítimas do regime nazista, mais especificamente dos campos de concentração. Além de considerar o testemunho como uma vertente da memória, Siligmann-Silva^{XXII} afirma que os estudos e a pesquisa sobre o testemunho “antes como uma busca de se ler na cultura as marcas das catástrofes do século XX – se desenvolveram nas últimas décadas é porque ocorreu neste período uma *virada culturalista* dentro das ditas ciências humanas”^{XXIII}.

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

Na *Shoah*, o testemunho possui não apenas o caráter de memória, de relato histórico, mas também uma segunda face, que é a da resistência. Essa segunda face se dá pois o sobrevivente desses horrores caminha em direção contrária ao plano nazista da *Solução Final*, que tinha como objetivo o extermínio judeu e de todas as provas e indícios que pudessem de alguma maneira indicar o ocorrido. Porém, ao sobreviverem e relatarem suas experiências em forma de testemunho, os judeus levam o plano da *Solução Final* ao fracasso.

Dessa maneira, o testemunho como memória, pode ser pensado a partir da perspectiva de que “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar da elaboração histórica [...]”^{XXIV}. Sendo assim, juntamente com os denominados documentos oficiais, os testemunhos auxiliam na construção de um conhecimento histórico acerca do que foi o Holocausto, que, apesar de bastante estudado, ainda possui muito a ser revelado, tamanha a sua complexidade.

Trabalhar com testemunho, então, significa reconhecer que ele “apresenta ainda uma permanente contradição, vez que ele traz consigo uma lacuna, uma falta, pois aqueles que sobreviveram e podem relatar a experiência vivida são a exceção da regra”^{XXV}. Dessa forma, os sobreviventes, por conseguinte, adquiriam o dever de falar pelo outro, mas não narram tudo, porque não foram até o fim como os que perderam a sua vida. Esses sim viveram até o fim a experiência da *Shoah*.

Como afirma Siligmann-Silva^{XXVI} nas chamadas “catástrofes históricas”, a memória que surge dela, no caso, o testemunho, é analisada como um elemento complexo da “política de memória”. Outro importante aspecto sobre os testemunhos e o ato de narrar levantado pelo autor é sobre a chamada “necessidade elementar” de relatar por parte do sobrevivente. Sendo assim, a narrativa teria como principal objetivo o “desafio de estabelecer uma *ponte* com ‘os outros’, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lager*. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro”^{XXVII}.

Narrar esse trauma traz, então, um sentimento de renascimento. E, além desse sentimento, o sobrevivente traz com ele o chamado dever de memória. O compromisso de relatar as atrocidades pelas quais passou e a vivência naquele momento histórico. Esse testemunho e, conseqüentemente, “a memória da barbárie tem, portanto, também este momento iluminista: preservar contra o negacionismo, como que em uma admoestação, as imagens de sangue do passado”^{XXVIII}.

Primo Levi e Viktor Frankl em perspectiva

Um dos planos nazistas era o de desumanização dos judeus dentro do *Lager*. “A redução dos judeus à condição de animais nos campos e guetos tinha, entre outros objetivos, a intenção de aniquilar sua capacidade de recordar – como se sabe, animais não têm memória, senão aquela suficiente para se manterem vivos”^{XXIX} porque “a guerra de Hitler contra os judeus era, portanto, uma guerra contra a memória da humanidade”^{XXX}. Assim, a condição psicológica e física às quais eram submetidos faziam parte de todo um plano de desumanizar esses homens.

De uma maneira geral, como afirma Marcos Guterman, “a sede e o frio são onipresentes nos relatos”^{XXXI}, pois, “reduzidos à condição de animais, os prisioneiros só conseguiam pensar, instintivamente, em se manter vivos”^{XXXII}. Além disso, os castigos físicos e a condição psicológica dos judeus são máximas também bastante presentes nas narrações. Com isso, é possível observar que “a animalização dos prisioneiros foi um processo meticulosamente planejado pelos nazistas. A intenção não era simplesmente aniquilar os judeus, mas ‘provar’ que os judeus eram ‘animais’, conforme informava a doutrina nazista”^{XXXIII}. Sendo assim, “os

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

nazistas queriam arrastar suas vítimas para uma degradação tal que justificasse moralmente o extermínio”^{XXXIV}.

Por isso, essa é uma questão importante para a compreensão do problema da memória da *Shoah*, pois para os nazistas Levi^{XXXV}; desumanizar os judeus era um importante trabalho para a questão da história daquele período, já que animais não possuem memória a longo prazo. E dentro dessas condições às quais os judeus eram submetidos nos campos, eles “seriam vistos como incapazes de se reconhecer como indivíduos e, portanto, de relatar a experiência que tiveram nos campos e nos guetos [...]. Prevaleceria para a posteridade, então, a construção narrativa dos nazistas – mesmo que fossem derrotados”^{XXXVI}.

Posto isso é que em sua obra *É isto um homem?*^{XXXVII}, Primo Levi se questiona se as condições sob as quais eles enfrentavam cotidianamente no *Lager* eram situações minimamente humanas. Não apenas ele, Viktor Frankl, que esteve no mesmo campo, traz diversas reflexões no livro *Em busca de sentido*^{XXXVIII} sobre a realidade da vida no *Lager* e as situações e sentimentos aos quais eles foram submetidos. Os dois autores são sobreviventes da *Shoah* e relataram suas experiências em suas respectivas obras. Compartilhando em suas narrações todo o sofrimento e angústias sofridas em seu período de confinamento no *Lager*, demonstrando como a condição humana ali na verdade era uma condição desumana.

Primo Levi, em *É isto um homem?*^{XXXIX}, nos apresenta a sua experiência em Auschwitz. Levi era um judeu que nasceu na cidade de Turim, na Itália, em 1919 e era químico de formação. Faleceu aos 67 anos em sua cidade natal no mês de abril de 1947, no mesmo apartamento em que nasceu em 1919. Em sua juventude, participou da resistência italiana, acabou sendo preso aos 24 anos e entregue a Hitler. Levi foi prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz, onde ficou durante o período de 1944-1945, quando o campo foi libertado.

Além de iniciar sua obra questionando a situação do homem naquele local, afirmando que “pensem bem se isto é um homem que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão, que morre por um sim ou por não”^{XL}. Neste momento já é possível observar minimamente o caráter das reflexões de Levi neste relato.

Nesse livro, destaca como os cativos perdiam a sua humanidade. Os que trabalhavam para o regime acreditavam que os prisioneiros não possuíam mais a condição de ser humano e que agora eram apenas animais, por isso a forma de lidar com eles deveria ser por meio da violência, pois ela era a única maneira deles entenderem as ordens dadas. Segundo Lacerda^{XLI}, na verdade, essa é uma característica das sociedades totalitárias: “reduzir os indivíduos a uma massa anônima de seres não-pensantes desprovidos das singularidades que os caracterizam como descartáveis e animais inferiores”^{XLII}.

Primo Levi também pontua “o duplo significado da expressão ‘Campo de extermínio’”^{XLIII}, pois, segundo ele, a morte no campo não era apenas física, mas também moral. E, muitas vezes, ocorria de forma lenta e cruel. Os corpos já eram tratados como não humanos desde o seu transporte para os campos. E chegando ao seu destino a situação agravava-se cotidianamente.

Os campos de concentração nazista foram um laboratório de “fabricação de cadáveres” como afirmou Heidegger; ali, o objetivo era tirar o maior número de vidas possível e diversas formas de executar esse plano foram utilizadas e experimentadas. Nesses locais, a morte se tornou “trivial, burocrática e cotidiana”^{XLIV}. Heidegger exemplifica bem esse aspecto da morte para os cativos dos nazistas: “morrem? Perecem. São eliminados. Morrem? Convertem-se em peças do armazém de fabricação de cadáveres. Morrem? São liquidados imperceptivelmente nos campos de extermínio... Mas morrer? (*Sterben*) significa suportar a morte no próprio ser. Poder morrer significa: encarar tal decidida suportação. E nós o podemos unicamente se o nosso ser pode ser

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

da morte... Por todos os lados, a imensa miséria de inumeráveis, atrozes mortes não morridas (*ungerstorbener Tode*), contudo, a essência da morte está vedada ao homem”^{XLV}.

Sendo assim, é possível observar que uma das questões relacionadas ao nazismo é justamente a de que por mais que a morte fosse uma constante para as suas vítimas, a convivência com a morte e com o medo dela, é que para os prisioneiros, muitas vezes, como afirma Agamben^{XLVI}, até a “dignidade da morte” lhes era negada. Dessa forma, eles eram condenados a perecer de uma morte não “morrida”, definindo cotidianamente física e moralmente, até que a morte de fato fosse selada.

Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*^{XLVII}, dedica um lugar especial para a morte. Ali, ela é tida como uma experiência decisiva e denominada de “ser-para-a-morte”. Dentro disso, “a morte, considerada como possibilidade, é absolutamente vazia, carecendo de qualquer prestígio especial: ela é simples possibilidade da impossibilidade de todo comportamento e de toda existência”^{XLVIII}. “E assim como, no ser-para-a-morte, o homem se apropria autenticamente do inautêntico, assim, também, no campo, os deportados existem *cotidianamente* e *anonimamente* para a morte”^{XLIX}. Dentro dessa perspectiva, o *Lager* seria o lugar em que seria impossível fazer a experiência da morte, enquanto uma possibilidade impossível.

O campo é um lugar em que se dissipa toda ideia e distinção entre possibilidade e impossibilidade, o que é próprio do que é impróprio. Por isso que nos campos os indivíduos não morrem, são apenas produzidos como cadáveres, pois o ser da morte se encontra interdito. Sendo assim, como bem salienta Agamben^L, Auschwitz é excluída da experiência de morte, pois “isso significa que, em Auschwitz, não se pode distinguir entre a morte e o simples desaparecimento, entre o morrer e ‘o ser liquidado’”^{LI}.

Por conseguinte, quando se é livre, não está aprisionado, como no caso das vítimas do hitlerismo, é até possível pensar na morte sem refletir acerca do morrer, sem ser acompanhado da constância sensação de medo e de angústia que acompanha. Mas, na realidade do *Lager*, isso era impossível. Isso ocorria não por conta de que os pensamentos sobre as formas de morrer a tornasse supérflua, mas “porque onde o pensamento da morte foi materialmente realizado, onde a morte ‘era trivial, burocrática e cotidiana’, tanto a morte como o morrer, tanto o morrer como os seus modos, tanto a morte como a fabricação de cadáveres se tornam indiscerníveis”^{LII}.

Além da impossibilidade da morte e acerca do processo de desumanização, Primo Levi afirma que “pela primeira vez, então, nos damos conta de que nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem”^{LIII}. Ele chega a essa conclusão logo após o seu desembarque. Observa também que “estamos sendo transformados em fantasmas como os que vimos ontem à noite”^{LIV}. Isso demonstra que essa era uma máxima a qual todo recém-chegado a Auschwitz era submetido.

Levi assegura também que “condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar”^{LV}. Pois, segundo ele, nada mais era deles: “roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos”^{LVI}. Ao perder tudo e passar por tamanho sofrimento diário, perda do discernimento e dignidade poderia também perder a si mesmo e esse era o objetivo nazista de desumanizar os judeus. Submetendo-os às condições humanas tão extremas que eles acabam sucumbindo e se perdendo nesse processo. Não por fraqueza, mas pela força da situação.

Nessa mesma perspectiva, Viktor Emil Frankl foi um psiquiatra austríaco que nasceu em 1905 e faleceu no ano de 1997. Também foi fundador da denominada Logoterapia, vencedor de diversos prêmios e escritor de variadas obras, se tornou um neuropsiquiatra renomado após a sua libertação do campo de Auschwitz, onde também esteve aprisionado. Além dele, sua esposa também foi para o *Lager*, o de Bergen-Belsen; porém, faleceu ainda sob o domínio nazista.

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

Em seu relato na obra *Em busca de Sentido*, publicada no ano de 1977, Frankl divide sua experiência em algumas fases. A primeira delas diz respeito, em suas palavras, a sua “recepção no campo de concentração”^{LVII}. Nesse primeiro momento, ele narra acerca dos procedimentos iniciais aos quais todo prisioneiro era submetido. Já a fase seguinte acompanha o período de detenção no *Lager*. A terceira e última etapa se concentra em dissertar sobre o período pós libertação. Cada um dos momentos descritos pelo autor relata as condições as quais os judeus foram submetidos no regime nazista. Eles exemplificam as experiências, vivências e sentimentos que tomaram aqueles seres humanos que eram tratados como animais através do plano de desumanização.

Assim, em uma de suas narrativas, o autor afirma que, enquanto aguardavam para se banharem logo na chegada no campo de Auschwitz, “experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão este nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua”^{LVIII}. E conforme o tempo foi passando e eles foram experimentando ainda mais a realidade daquele local, se davam conta “da verdade daquela frase de Dostoiévski, que define o ser humano como o ser que a tudo se habitua. [...] Nós sabemos dizer até que ponto é verdade que a pessoa a tudo se acostuma [...]! Mas ninguém pergunte de que modo...”^{LIX}. Isso é bastante significativo, pois demonstra que eles, em parte, se adaptaram ao sistema do *Lager*, mas em troca dessa adaptação perdiam a sua humanidade, se tornavam animais.

Dessa forma, “após o primeiro estágio de choque, o prisioneiro passa para o segundo estágio, a fase da relativa apatia”^{LX}. Seus valores e sua moral, muitas vezes, eram perdidos ao longo do caminho para que suas vidas fossem preservadas. O roubo, por exemplo, se tornou algo comum, a troca de favores, o mais esperto sobrevivia e em troca de submetia ao plano nazista, porque “a mortificação dos sentimentos normais continua avançando”^{LXI} conforme se passam as etapas de aprisionamento. Frankl^{LXII} afirma que a morte se torna tão corriqueira e parte do cotidiano que depois de um período nem é capaz mais de sensibilizá-los.

A “apatia e a insensibilidade emocional, o desleixo interior”^{LXIII} são sentimentos comuns aos judeus na segunda etapa da descrição do autor. Os castigos físicos e as dores são tão violentas e recorrentes que afetam diretamente o psicológico deles, tornando a falta de razão para qualquer coisa e a revolta pela injustiça da situação, dores muito mais fortes que as físicas.

Além do tratamento violento, a fome também era uma constante. “Face ao estado de extrema subnutrição em que se encontravam os prisioneiros, é compreensível que, entre os instintos primitivos que representam a ‘regressão’ da vida psicológica no campo, o instinto de alimentação ocupasse o lugar principal”^{LXIV}. O autor^{LXV} relata que os prisioneiros estavam constantemente falando, sonhando ou pensando em comida, tamanha era a falta e a necessidade do alimento. Trocavam receitas e imaginavam os pratos como uma forma de aliviar a fome.

Dentro das duas explicações, é possível observar como que, apesar das duas perspectivas distintas, os relatos se encontram dentro da mesma ótica da desumanização aplicada pelos nazistas dentro dos campos, principalmente o de Auschwitz.

Considerações finais

Muitas são as questões que permeiam os estudos acerca da *Shoah*, inúmeros são os temas e objetos de pesquisa. Pensar as relações sociopolíticas no *Lager* nos leva para diversos caminhos e abre um leque de possibilidades e descobertas acerca desse espaço e vivência tão estranhos à nossa realidade atual. Situações extremas levam a ações extremas e esse é um dos motivos de ser um local tão atípico e ao mesmo tempo desafiador de se compreender. Mas entre as diversas

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

linhas tracejadas por esse tema da condição humana, na verdade, o da desumanização nos auxilia na compreensão dos temores e da realidade daquela localidade.

Como supracitado, demasiados e intensos são os testemunhos dos sobreviventes acerca da *Shoah*. Poderia dissertar extensamente sobre o assunto, mas o objetivo do texto não era apenas apresentar os sofrimentos aos quais os judeus foram submetidos nos diversos campos e no sistema nazista em si. A finalidade consistia em analisar como essas condições humanas naqueles locais transformaram e afetaram a vida dessas pessoas. Compreendendo também como o plano de desumanização dos nazistas funcionava dentro da lógica do campo.

Para isso, foi preciso apresentar o contexto ao qual a *Shoah* se insere. Dessa maneira, foi mostrado como que o século XX foi marcado por acontecimentos de violência e extermínio sem precedentes até então na história e a importância do estudo e da lembrança desse evento, para além da tentativa de compreensão, mas também como forma de advertência.

Tanto os relatos de Viktor Frankl como os de Primo Levi apresentam diversas outras experiências já relatadas por outros sobreviventes. O que os diferencia dos demais é a forma com a qual essas vivências são colocadas e analisadas ao longo de suas obras. Seus relatos em muito se assemelham por destacarem a condição humana a qual eles foram submetidos. Como a organização da vida no *Lager* objetivava transformá-los em meros animais não pensantes e em degradantes condições físicas e psicológicas, onde a morte muitas vezes era objetivada, mas impossível de ser alcançada, com eles sendo transformados em simples cadáveres, sem nenhuma dignidade ou humanidade.

Notas

^I Professora de História da rede municipal de ensino no município da Serra, no Espírito Santo. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Ensino Religioso pela UniFatecie. Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História pela UFES. E-mail: leticia-calheiros@hotmail.com.

^{II} Termo utilizado para designar campos de concentração e extermínio.

^{III} LEVI, Primo. **É isto homem?** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 9.

^{IV} Shoah segundo a definição de Marcos Guterman (2020, p. 31) no hebraico significa Catástrofe. Utilizo como forma para representar o denominado Holocausto.

^V “Escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida também como a Psicoterapia do Sentido da Vida ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia” (PEREIRA, 2007, p. 2).

^{VI} GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler: Consentimento e coerção na Alemanha nazista.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

^{VII} *Ibidem*, p. 24.

^{VIII} OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **Segunda Guerra Mundial: Holocausto.** São Paulo: Hunter Books, 2015, p. 14.

^{IX} *Ibidem*, p. 36.

^X *Ibidem*.

^{XI} GELLATELY, *op. cit.*, p. 22.

^{XII} *Ibidem*, p. 29.

^{XIII} OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 38.

^{XIV} *Ibidem*, p. 91.

^{XV} Rudolf Franz Ferdinand Hoss foi um oficial alemão da SS nazista.

^{XVI} *Ibidem*.

^{XVII} Heinrich Luitpold Himmler foi um Reichsführer (título de liderança) das Schutzstaffel (SS), e um dos principais líderes do Partido Nazista da Alemanha.

^{XVIII} *Ibidem*, p. 92.

^{XIX} *Ibidem*, p. 91.

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

- XX Plano de extermínio dos judeus.
- XXI BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005, p. 2.
- XXII SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar O Trauma: A Questão Dos Testemunhos De Catástrofes Históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, ano 2008, v. 20, n. 1, p. 65-82.
- XXIII *Ibidem*, p. 9.
- XXIV LE GOFF, 1992, p. 49-51 *apud* BENTIVOGLIO, Julio; DURAN, Maria Renata Da Cruz. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. **Dimensões**, Vitória, v. 30, ed. 30, p. 213-244, 2013, p. 25.
- XXV AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 42.
- XXVI SILIGMANN-SILVA, *op. cit.*
- XXVII *Ibidem*, p. 2.
- XXVIII *Ibidem*, p. 11.
- XXIX GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e Memória**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 18.
- XXX *Ibidem*, p. 38.
- XXXI *Ibidem*, p. 50.
- XXXII *Ibidem*.
- XXXIII *Ibidem*.
- XXXIV *Ibidem*, 52.
- XXXV *Ibidem*.
- XXXVI *Ibidem*, p. 51.
- XXXVII LEVI, *op. cit.*
- XXXVIII FRANKL, Viktor E.. **Em busca de sentido**. 52. ed. Petrópolis: Sinodal e Vozes, 2021.
- XXXIX LEVI, *op. cit.*
- XL *Ibidem*, p. 9.
- XLI LACERDA, Maria Gabriela Forjaz de. Escrita De Primo Levi: À Procura Da Reparação. Orientador: Profa Doutora Maria Antônia Carreiras. 2017. 72 p. **Dissertação** (Mestrado em psicologia especialidade em Clínica) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Belo Horizonte, 2016.
- XLII *Ibidem*, p. 6.
- XLIII LEVI, *op. cit.*, p. 33.
- XLIV *Ibidem*, p. 90.
- XLV HEIDEGGER, 1994, p. 56 *apud* AGAMBEN, *op. cit.*, p. 80.
- XLVI AGAMBEN, *op. cit.*
- XLVII HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- XLVIII AGAMBEN, *op. cit.*, p. 81.
- XLIX *Ibidem*, p. 82.
- L *Ibidem*.
- LI *Ibidem*.
- LII *Ibidem*.
- LIII LEVI, *op. cit.*, p. 32.
- LIV *Ibidem*.
- LV *Ibidem*.
- LVI *Ibidem*.
- LVII FRANKL, *op. cit.*, p. 22.
- LVIII *Ibidem*, p. 29.
- LIX *Ibidem*, p. 35.
- LX *Ibidem*, p. 35.
- LXI *Ibidem*, p. 36.
- LXII *Ibidem*, p. 37.
- LXIII *Ibidem*, p. 38.
- LXIV *Ibidem*, p. 45.
- LXV *Ibidem*.

Referências

A CONDIÇÃO HUMANA NO LAGER

CALHEIROS, L. M.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BENTIVOGLIO, Julio; DURAN, Maria Renata Da Cruz. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. **Dimensões**, Vitória, v. 30, ed. 30, p. 213-244, 2013.

FRANKL, Viktor E.. **Em busca de sentido**. 52. ed. Petrópolis: Sinodal e Vozes, 2021.

GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**: Consentimento e coerção na Alemanha nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e Memória**. São Paulo: Contexto, 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

LACERDA, Maria Gabriela Forjaz de. Escrita De Primo Levi: À Procura Da Reparação. Orientador: Profa Doutora Maria Antónia Carreiras. 2017. 72 p. **Dissertação** (Mestrado em psicologia especialidade em Clínica) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Belo Horizonte, 2016.

LEVI, Primo. **É isto homem?** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **Segunda Guerra Mundial**: Grandes batalhas. São Paulo: Hunter Books, 2015.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **Segunda Guerra Mundial**: Grandes líderes. São Paulo: Hunter Books, 2015.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **Segunda Guerra Mundial**: Holocausto. São Paulo: Hunter Books, 2015.

PEREIRA, Ivo Studart. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 125-136, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar O Trauma: A Questão Dos Testemunhos De Catástrofes Históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, ano 2008, v. 20, n. 1, p. 65-82.

THOMSON, Ian. **Primo Levi**: the elements of a life. London: Vintage, 2003.